

ISSN 0104-1886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CADERNOS DO I. L.
Nº 15

JUNHO DE 1996

UFRGS
Núcleo Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

INTERMEDIÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE LETRAS.¹

Gilda Neves da Silva Bittencourt *

O tema proposto para esta mesa redonda, além de ser bastante amplo e, por isso mesmo, permitir inúmeras abordagens, está intimamente ligado ao próprio papel da Universidade (e da Escola em geral) dentro do processo educativo do ser humano, já que um dos pontos basilares da Educação é justamente a aquisição e a transmissão do conhecimento.

Na tentativa de alinhar algumas reflexões em torno de um tema tão abrangente, poderíamos começar com uma questão também genérica:

- Qual a natureza do conhecimento que a Universidade produz ou intermedia?

Para começar, não é, certamente, um conhecimento intuitivo (sensível ou espiritual), nem sequer um conhecimento empírico (fruto exclusivo da experiência do homem), mas sim aquele derivado da razão, do processo intelectual, aquele cuja produção tem levado a humanidade a estágios de desenvolvimento cada vez mais avançados e cuja aquisição tem estado ligada intrinsecamente à posse do poder (político e/ou econômico) e ao processo de dominação. Aquele conhecimento ligado historicamente às elites culturais e que mereceram o registro escrito.

A ênfase neste tipo de conhecimento por parte da Universidade implica, por outro lado, descartar, ou mesmo desprezar as outras formas de conhecimento, que, por não envolverem a razão e o pensamento, são consideradas "menores" pela massa intelectualizada que costuma presidir as esferas universitárias.

Não é minha intenção discutir aqui as implicações desse fato, de ordem filosófica, epistemológica e mesmo social dentro do papel da Universidade, pois penso ser tarefa muito mais para pensadores das teorias do conhecimento, do que para professores de literatura. O que me proponho abordar, levando em conta sobretudo a natureza do

¹ Trabalho apresentado no XVI CONEL (Congresso Nacional de Estudantes de Letras) realizado em Porto Alegre, em janeiro de 1995.

* Professora do setor de Teoria Literária do Depto. de Lingüística, Filologia e Teoria Literária.

conhecimento repassado pela Universidade, são as formas como se dão a sua produção e a sua transmissão em países com a feição do Brasil, no interior da esfera em que me inscrevo, ou seja, na área da Literatura.

A produção do conhecimento em nosso país não pode ser desvinculada de sua condição periférica, de nação colonizada, historicamente dependente, cujos reflexos ainda hoje se fazem sentir, embora há mais de 150 anos tenhamos conquistado a independência política. Perdura, todavia, a constante necessidade de adquirir perfil próprio, de encontrar o que nos defina como nação, como povo, como cultura, e, conseqüentemente, permanece o desejo de produzir um saber com uma feição original, inerente ao modo de pensar brasileiro.

Essa condição de país colonizado e a consciência da condição de dependência produziram, sobretudo no seio da intelectualidade brasileira, uma sensação de mal-estar, em face do alegado caráter "postivo" de nossa civilização, que nunca teria superado a situação de mera "cópia" da metrópole ou das "matrizes" européias. Tais preocupações têm sido manifestadas por distintos pensadores, entre os quais se incluem o crítico Antonio Candido, da USP, e o professor Roberto Schwarz, da UNICAMP. Este último, num ensaio intitulado "Nacional por Subtração" (In: *Que Horas São?* Cia. das Letras, 1987) ilustra muito bem esse quadro, relacionando-o justamente à área que nos diz respeito, a Literatura. Nos vinte anos em que lecionou a disciplina, assistiu à alternância de diferentes correntes críticas, sem que a passagem de uma escola à outra correspondesse ao esgotamento de um projeto, mas sim ao prestígio ou à novidade das doutrinas críticas importadas da Europa ou dos Estados Unidos. A impressão que Schwarz expressa, diante dessa troca constante, é de que, em nosso país, a mudança se faz sem uma necessidade interna, por isso dela não resulta proveito algum, já que "o gosto pela novidade terminológica e doutrinária prevalece sobre o trabalho de conhecimento" (op. cit. p. 30), vindo a se constituir, no plano acadêmico, num exemplo típico do caráter imitativo da vida cultural brasileira.

Essa descontinuidade na reflexão crítica nacional também repercute, segundo o autor, na maneira de encarar as gerações anteriores do pensamento brasileiro, já que prevalece sempre o apetite pela produção recente dos países avançados. Assim sendo, "percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas

a muito custo identificados ficam sem o desdobramento que lhes poderia corresponder". (Op. cit., p. 31) Com isso, a produção de conhecimento fica duplamente prejudicada, na medida em que se prioriza o importado (sobretudo se vier de países do chamado primeiro mundo) e não se aproveita, ou não se dá prosseguimento, às reflexões já aqui desenvolvidas.

Felizmente existem honrosas exceções que procuram não apenas fixar as bases da cultura brasileira, e identificar modos peculiares de pensar, a partir do que já foi realizado anteriormente, mas que também sabem como aproveitar o legado estrangeiro, adaptando às nossas circunstâncias, mostrando o lado diferencial de nossa civilização e o que aqui se fez de novo. Nomes como Mário e Oswald de Andrade e mais recentemente Antonio Candido representam, no campo literário, essa parcela do pensamento nacional voltada à produção de um conhecimento particularizado, com feição própria.

A essas dificuldades em criar formas de pensar autenticamente nacionais e uma tradição crítica continuada, somam-se as de transmitir o conhecimento por parte das instâncias encarregadas de fazer a sua intermediação. Considerando que o processo de conhecimento não se desvincula das circunstâncias externas que o envolvem, as transformações (históricas, políticas, econômicas, culturais), por menores que sejam, interferem diretamente nos modos de transmissão do saber. Os avanços na ciência e na tecnologia ocorridos neste século, as mudanças de comportamento daí decorrentes, afetaram profundamente os modos de intermediação tradicionais. Hoje em dia, a globalização e a instantaneidade das comunicações e, sobretudo, a expansão da informática devem ser necessariamente consideradas no processo educacional.

No caso específico das Letras, a situação se complica sobremaneira em face do seu perfil e das exigências naturais de seu conhecimento, ou seja, por configurar-se como um saber livresco, exige como fundamento a leitura e o pensamento discursivo. Estes aspectos são justamente os que mais perdem terreno, na atualidade, para os meios visuais da *midia* e da computação, cujo dinamismo e velocidade fascinam sobretudo os jovens. Conseqüentemente, torna-se cada vez mais difícil ao professor de Letras a tarefa de repassar conhecimento, em face da desvalorização do ato da leitura que se vê atropelado pelo avanço

tecnológico e colocado em plano secundário na escala de valores da geração atual. Além disso, esse professor também se depara com outra dificuldade decorrente da primeira: o desinteresse generalizado e as disparidades dos níveis de conhecimento nos alunos oriundos do segundo grau. Os programas diferenciados, os níveis distintos de exigência das escolas, a qualificação desigual dos professores, tudo isso faz com que o aluno ingressante na Universidade traga igualmente experiências discrepantes no que tange à formação de um saber lingüístico e literário mínimo. Desta forma, o professor universitário se vê levado a suprir carências do segundo grau, dedicando boa fração de tempo de sua atividade didática a aspectos de ordem informativa (revisão de conteúdos gramaticais ou leitura de textos literários fundamentais), ao invés de fornecer, desde o início, subsídios para a formação daquela visão crítica e reflexiva que se espera no nível de terceiro grau. Foi pensando nessa carência de informação literária que o curso de Letras da UFRGS, na elaboração do seu novo currículo, em vigor a partir de 95, introduziu uma disciplina obrigatória de **Leituras Orientadas** que deve colocar o aluno em contato, já nos dois semestres iniciais, com as grandes obras da literatura mundial, dando-lhe assim substratos de leitura imprescindíveis para a sua formação intelectual como profissional de Letras.

Tudo isto está a provar que o repasse do conhecimento é tarefa das mais árduas, tanto por sofrer constantes assédios e interferências de fatores externos e circunstanciais, como por estar relacionado a aspectos subjetivos do ser humano, cuja individualidade deve ser sempre levada em conta na transmissão do saber. Na luta contra os fatores externos que conspiram contra a área das Letras, o professor tem de ser criativo na procura de meios e métodos de conquistar o interesse do seu aluno, mas tem de ser também competente para construir um sólido cabedal de conhecimentos e transmiti-lo adequada e seletivamente aos seus alunos. Por outro lado, ele deve levar em conta que as mudanças vivenciadas pelo mundo na modernidade (ou na pós-modernidade, seria melhor dizer), pedem novas formas de conceber e de repassar o conhecimento. Se ele continuar preso àquela noção idealista de um conhecimento perene, verdadeiro, dificilmente poderá conceber que o seu saber possa se cruzar com outros saberes de naturezas diferentes. Por isso, é cada vez mais premente repensar a natureza do conhecimento, considerando-o como

alguma coisa em constante mutação, capaz de criar possibilidades de cruzamento ou de complementação com outras áreas.

Esta questão, de suma importância na atualidade, vem sendo respondida, em grande parte, pela interdisciplinariedade, considerada já em muitos países como a via mais eficaz de dar saltos qualitativos no seu processo de desenvolvimento. A questão é saber como articular de forma competente esse processo, de modo que haja um aproveitamento eficiente e frutífero dos vários ramos do saber, na busca da integração material e cultural dos povos e das nações.

Particularmente no ramo das Letras, a perspectiva interdisciplinar dentro dos estudos literários está se configurando como Estudos Culturais, ou seja, linhas de pesquisas abrangendo diferentes áreas de conhecimento no seu relacionamento com a Literatura, levando em conta que conceitos ancestralmente aceitos, como os de cultura, história, nação e identidade, devem ser necessariamente repensados e modificados dentro de um mundo em constante transformação; e que a própria Literatura deve ser encarada, de ora em diante, no seu inter-relacionamento com a diversidade de aspectos que compõem a realidade atual da humanidade.

Com isso, se configura uma nova forma de estruturar e intermediar o conhecimento, adequada às condições da contemporaneidade, procurando atender às necessidades da vida moderna e às atuais formas de relacionamento entre as nações. Trata-se, portanto, de uma tentativa no sentido de despertar focos de interesse diferenciados e de elaborar respostas criativas para resgatar, para a Literatura e para as Letras, o importante papel que desempenha dentro da formação humanística do ser humano.